

# A JUSTIÇA DE MATEUS (Mt 5,20) ILUMINA A INJUSTIÇA VIVIDA PELAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Ailton de Souza Gonçalves  
Neusa Valadares Siqueira\*

## Resumo

*A comunidade de Mateus foi um grupo dissidente do judaísmo, formada por judeu-cristãos. Que sofreram exclusão por parte da comunidade maior, do judaísmo formativo, depois do ano 70 dC, com a destruição do templo e expulsão dos judeus de Jerusalém, o judaísmo passa por uma mudança em sua estrutura. Durante essa mudança buscou-se uma nova identidade para a comunidade judaica. Nesse processo a comunidade judeu-cristã foi expulsa das sinagogas e teve que elaborar também a sua identidade. Delimitaremos a análise deste artigo ao versículo 5,20 do evangelho de Mateus, onde o texto nos apresenta os valores que identificarão e nortearão a vida das comunidades posteriores, que buscaram inspirações nesses escritos. Uma delas é a comunidade quilombola, que pode se encher de esperança ao aproximar delas palavras que motivaram a libertação de um povo, que vivia sem pátria, sem terra e sem aparo em uma terra estrangeira.*

**Palavras-chave:** *Justiça. Quilombolas. Mateus. Conflito. Marginalizados.*

## Abstract

*Matthew's community was a dissident group from Judaism, constituted by Jewish-Christians who suffered the exclusion from the larger community, from formal Judaism. After 70 A.D., with the destruction of the Temple and the expelling of the Jews out of Jerusalem, Judaism goes through a process of structural transformation. During the process, a new identity has been sought for the Jewish community. Throughout this process, the*

\* Ambos são Mestres em Ciências da Religião e assessores de Pastoral Popular.

*Jewish-Christian community has been expelled out of the synagogues and had to define its identity. We will frame the analysis of this article to verse 20 of the 5<sup>th</sup> Chapter of St. Matthew's Gospel, where the text introduces us to values that will identify and guide the future communities, who will look for inspiration in these writings. The Quilombola community is one of those to be filled with hope after approaching to the words that inspired the liberation of a people that lived nationless, landless and helpless in a foreign land.*

**Keywords:** *Justice. Quilombola community. St. Matthew. Conflict. Excluded.*

## Introdução

A vida das comunidades quilombolas é marcada pela injustiça. Tal realidade se ilumina a partir da perícopa de Mateus 5,20 em que se apresenta uma justiça que extrapola aquela vivida por fariseus e escribas, aponta para uma prática efetiva, característica do verdadeiro discípulo que se orienta em vista e para o Reino dos Céus.

Através de uma leitura conflitual, uma vez que “os conflitos são expressão do poder desigual dos vários setores da divisão do trabalho”<sup>1</sup>. Podemos utilizar esse modelo de leitura sociológica da Bíblia, que “busca compreender o texto segundo as relações, instituições e conflitos sociais pressupostos no momento em que foi escrito”<sup>2</sup>. Uma leitura dessa maneira ajuda uma comunidade marginalizada perceber a presença de Deus junto aos pobres, excluídos e marginalizados, os preferidos do Pai. Isso mostra a contradição entre exclusão e inclusão como palavras opostas, embora determinadas pelo contexto social em que são mencionadas.

Dessa forma, o texto sagrado incentiva e fortalece a caminhada dos marginalizados quilombolas no século XXI, pessoas que têm fome e sede de justiça (Mt 5,6). E o que seria esse vocábulo para essas pessoas? O reconhecimento da sociedade, privilégios materiais ou como já expostos a esperança de uma vida mais igualitária inspirada no Reino dos Céus?

Num primeiro momento apresentam-se dados da comunidade de Mateus: Quais os conflitos daquela época? Como era a vida econômica? Como se organiza a política? Quem são os marginalizados?

Num segundo momento, fala-se sobre a vida e a trajetória dos quilombolas: as injustiças sofridas ao longo da história e as lutas deste povo por uma vida digna.

1. FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: Leitura conflitual do Novo Testamento*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, Ed. América, 2009, p. 49.

2. LARA, Valter Luiz. *A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 57.

### Contexto da comunidade de Mateus

A história da comunidade de Mateus está concomitantemente ligada ao evento de Jesus Cristo e influenciada por ele e seu movimento, pois foi a partir da vida, história e feitos desse profeta que se originaram diversos grupos, com intuito de propagar o seguimento de Jesus.

No início o movimento de Jesus não foi algo uniforme e estava inserido num contexto que coexistia com uma variedade de grupos judaicos, divergentes entre si, mas que tinham o Templo de Jerusalém como elemento unificador da identidade judaica. Com a destruição do Templo, por ocasião da Guerra Judaica de 66-70 dC, houve mudanças no cenário religioso dessa comunidade que passou a buscar um novo marco referencial para unificar a vida cotidiana. Com isso, surgem alguns conflitos entre os dirigentes da comunidade. A liderança desse lugar entra em choque com grupos de base, que estavam às margens. Esse é o cenário no qual vive a comunidade que escreveu o evangelho de Mateus, comunidade marginalizada pelo judaísmo formativo.

O texto de Mateus foi elaborado por membros pertencentes à comunidade mateana, provenientes do judaísmo formativo. O grupo de Mateus faz parte dos que foram expulsos da sinagoga, depois da reorganização de Jabne. A comunidade mateana tem como propósito demonstrar que “Jesus de Nazaré é o Messias prometido no Antigo Testamento, e ansiosamente esperado pelo povo judeu”<sup>3</sup>. Assim, “insiste que a essência da revelação a Israel, especificamente a Lei, continua plenamente válida”<sup>4</sup>. Porém, sua validade plena está na interpretação e nos ensinamentos de Jesus, que apontam para a vivência da prática da justiça maior, que extrapola a dos outros ‘rabinos’. O conflito entre os dois grupos situa-se, possivelmente, na região da Síria.

Há um conflito entre esses dois grupos que se encontram exilados e procuram elaborar uma identidade. Todos buscam fazer uma releitura da sua prática de fé, na qual, porém, a justiça é um tema controverso entre as duas comunidades.

### O templo de Jerusalém

Em meio a uma diversidade de opiniões e doutrinas, a comunidade judaica vivia certa unidade, graças ao elemento unificador do Templo. Com a destruição do Templo, perdeu-se este ponto de unidade. A guerra judaica e a destruição do Templo marcaram a vida da comunidade judaica, forçando sua reorganização.

3. SCHMID, Josef. *El evangelio según San Mateo*. Barcelona: Herder, 1973, p. 43.

4. KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*, 2. História e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005, p. 191.

O Templo de Jerusalém é o sinal da presença de Deus entre os homens. Esse sinal primeiro foi a tenda da reunião (Nm 12,4-8). Depois o rei Davi sonhou construir um templo para o Senhor (2Sm 7,1-17), mas somente seu filho Salomão concretizou o sonho (1Rs 6,1-35). Este Templo foi destruído por Nabucodonosor (25,8-10.13-17) e reconstruído depois do exílio babilônico, sob a responsabilidade de Zorobabel (cf. Esd 5) e com autorização do rei Ciro; por fim, foi ampliado por Herodes Magno. Foi esse templo ampliado que Jesus conheceu. No tempo de Jesus, porém, “o Templo não está a serviço da Aliança. Ninguém defende a partir dele os pobres nem protege os bens e a honra dos mais vulneráveis”<sup>5</sup>. Através do Templo legitimava-se uma exploração que acontece fora. Por trás dele mantinha-se escondida uma elite, que servia mais ao poder romano do que a Deus, presente nos pequeninos. O próprio Jesus definiu o Templo como ‘covil de ladrões’ (Mc 11,17).

Em decorrência disso, durante seu ministério público Jesus profetizou a destruição do Templo (Mc 13,2; Mt 24,2; Lc 21,5-7; Jo 2,19-22). Tal oposição contra o Templo tem sua raiz no campo: “Os profetas veterotestamentários que profetizaram contra o Templo vinham do campo: Miqueias de Moreset (Mq 1,1), Urias de Cariat-Iarim (Jr 26,20) e Jeremias de Anatot (Jr 1,1)”<sup>6</sup>.

A vida religiosa, social e política da comunidade judaica gravitavam em torno do Templo de Jerusalém. Ele servia como elemento unificador da tradição judaica. Sua destruição “não foi apenas um golpe político para o povo de Israel, significou também a destruição do centro cultural e religioso do povo”<sup>7</sup>.

“Acabou-se o culto sacrificial e muitos atos e deveres religiosos ligados a ele, como por exemplo romarias ao Templo, toque do chofar quando o ano novo caía num sábado e determinados tributos”<sup>8</sup>. Desse modo, quase todos os grupos organizados do Judaísmo deixaram de existir junto com o Templo, especialmente, os saduceus e sacerdotes.

### A reunião em Jabne

Por volta do ano de 80, o judaísmo se reuniu na cidade de Jabne. Não foi uma simples reunião, mas um evento considerado como um divisor de águas “na história do judaísmo, pelo fato de ter estabelecido os rabinos como o corpo auto-

5. PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 431.

6. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico, um manual*. São Paulo: Loyola, 2. ed. 2004, p. 200.

7. OVERMAN, Andrew. *O evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo, o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 45.

8. STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo, os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Paulus/São Leopoldo: Sínodal, 2004, p. 254.

rizado e de ter marcado o surgimento do judaísmo rabínico como a forma normativa do judaísmo<sup>9</sup>. Esse acontecimento de Jabne teve como objetivo unificar os vários grupos do judaísmo formativo. Nessa unificação, todos os grupos que não se adequaram foram expulsos da comunidade.

Os fariseus pertenciam à classe intermediária da sociedade judaica, antes da destruição do Templo. Pertenciam à classe dos “servidores como grupo religioso e como uma força política que interagia com a classe governante, influenciava muitas vezes a sociedade e às vezes obtinha poder”<sup>10</sup>.

Embora esse grupo fosse formado por famílias que gozavam de certa tradição e de poder financeiro considerável, eram leigos e “gozavam de grande prestígio entre o povo, do qual eram verdadeiros líderes religiosos”<sup>11</sup>. Na maioria das vezes estão em conflito com os saduceus e com o sinédrio.

No tempo de Jesus, os fariseus, possivelmente, seriam um dos grupos com prestígio religioso-político, pois estavam inseridos na vida cotidiana das aldeias e povoados. E em relação a Jesus, existe uma oposição irreconciliável, manifestada nas palavras escritas dos evangelhos.

Neste momento, os fariseus tiveram ascensão porque “já possuíam um programa abrangente de identidade social e religiosa que não exigia a presença do Templo”<sup>12</sup>; sua influência na reorganização do judaísmo pós-70 não pode deixar de ser notada.

Na tutela dos fariseus, o Judaísmo desenvolveu um sistema centrado na aplicação das Leis de pureza no lar e à mesa. O dízimo, a observância do sábado e o estudo da Torá, que eram características marcantes na existência do grupo farisaico mesmo antes da destruição do Templo.

No texto de Mateus está presente o conflito constate do grupo judeu-cristão com os fariseus. Segundo alguns estudiosos, isso acontece por causa da proeminência adquirida pelos fariseus entre os líderes judaicos na comunidade judaica pós-70, na qual eles se tornaram rabis<sup>13</sup>.

Na reorganização do Judaísmo, os rabinos passaram a ser liderança e tinham as seguintes funções, como “o estabelecimento das normas legais e sua derivação da Escritura, a consciência e administração da justiça”<sup>14</sup>. Tornam-se, assim, os responsáveis pela unificação da comunidade do judaísmo formativo.

9. OVERMAN, Andrew. *O evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo*, p. 48.

10. SALDARINI, Anthony. *Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 53.

11. FRAINE, J. de. “Fariseus”. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 558.

12. OVERMAN, Andrew. *O evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo*, p. 45.

13. SALDARINI, Anthony. *Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese*, p. 171.

14. ECHEGARAY, J. González et al. *A Bíblia e seu contexto*. São Paulo: Ave Maria, 2. ed. 2000, p. 333.

Outro grupo que estava em conflito com a comunidade de Mateus era a dos escribas. Eram chamados assim todos os entendidos na Lei, conhecidos também como legisperitos ou doutores da Lei. Os escribas eram educadores, oficiais maiores e menores, e pertenciam assim ao estamento intermediário da organização social da época.

Como legítimos mestres os escribas ocupavam um lugar de destaque na comunidade judaica e cristã. A comunidade de Mateus pode ter tido alguns problemas com os escribas. Mas, de maneira geral, eles são benquistos pela comunidade cristã de Mateus e por isso aparecem de maneira positiva no seu evangelho (8,19; 13,52; 23,34).

Os escribas estão associados ao saber e, como homens instruídos, possuem um *status* elevado na comunidade. Estão associados aos chefes dos sacerdotes, são por eles consultados, exercem certo poder e autoridade no controle da comunidade.

A comunidade vive um momento de conflito de autenticidade. Tanto a comunidade judaica, que passa a se formar no judaísmo formativo, como a comunidade judeu-cristã, buscam elaborar uma nova identidade, frente à tragédia vivida pela destruição do templo de Jerusalém.

O problema enfrentado por esses grupos é a falta de uma pátria, pois perderam a sua terra e vivem em diáspora. Como estrangeiros, não gozam de uma estabilidade que lhes favorecesse um desenvolvimento digno. A economia no século primeiro gravitava em torno da agricultura, por isso um grande bem era a terra. “A terra é fundamentalmente comunitária e um bem de herança familiar. As famílias (hebraico: *bet ab*) eram unidades de produção e reprodução basicamente autossuficientes”<sup>15</sup>. As duas comunidades se encontram em terras estrangeiras. A comunidade de Mateus era pobre e o judaísmo formativo era formado em sua maioria por ricos comerciantes de famílias tradicionais. Essa oposição entre os que têm e os outros menos favorecidos faz com que os primeiros vivam marginalizados.

Outro ponto que favoreceu a marginalização da comunidade de Mateus foi a questão doutrinal. Para essa comunidade “Jesus é superior a Moisés, mediador da revelação do Sinai, com o qual, por outro lado, tem em comum um destino de perseguições”<sup>16</sup>. Destarte, “a melhor maneira de compreender a comunidade mateana seria como um movimento reformador dentro do Judaísmo, que se tornou uma ‘seita’ como reação à sua rejeição”<sup>17</sup>. A comunidade acabou sendo excluída

15. REIMER, Ivoni Richter; REIMER, Haroldo. *Cuidado com as pessoas empobrecidas na tradição bíblica*. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, v. 25, n. 40, p.181-197, jan/jun 2011.

16. BARBAGLIO, Giuseppe Barbaglio; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos* (I). São Paulo: Loyola, 2. ed. 2002, p. 55.

17. STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*, p. 258.

do judaísmo em formação e sentiu-se obrigada a se reorganizar e criar uma identidade nova.

### **A justiça na comunidade mateana**

A acolhida da “Lei e sua aplicação nos atos de Justiça e misericórdia serão o grande fator que identificarão a comunidade”<sup>18</sup>. Este é o diferencial ou a identidade da comunidade mateana; o texto de Mateus nos oferece um viés da justiça como proposta do reino dos Céus. Não qualquer justiça, mas aquela que possibilita a “concretização de toda a ‘justiça’ divina, que consiste na fidelidade de Deus à sua Palavra, ou seja, em seu objetivo de ‘ser para’ as pessoas”<sup>19</sup>. Aquilo que foi vivido, testemunhado e ensinado por Jesus é proclamado no evangelho escrito por esta comunidade.

Um dado deste escrito e que a justiça é bem enfatizada, pois este valor está ausente na vida da comunidade judeu-cristã, excluída e marginalizada pelo judaísmo formativo. Assim, a sua esperança está no modo de vida em que o amor e a justiça norteiam a vida: essas são atitudes de Deus, ensinadas e vividas por Jesus. Esse é o diferencial da comunidade de Mateus. Por isso, no próximo tópico apresentaremos Mateus como o evangelho da Justiça.

A justiça é um programa de vida igual para todo mundo, não uma prática individual que garante uma vida santa. Partindo dos pobres e fracos é que fará surgir um novo tipo de sociedade. Praticar a justiça é dar voz aos excluídos, que são os primeiros do Reino dos Céus, pois são eles que precisam de maior atenção por parte da comunidade humana.

Muitos autores afirmam que a chave interpretativa para o texto de Mateus é a temática da justiça. Desde o início do evangelho esta temática aparece. Jesus nasce num ambiente de um homem justo (Mt 1,19). José, um homem fiel aos mandamentos de Deus, quando Maria aparece grávida sem ter relações com ele, assume uma atitude de “justiça, própria do homem piedoso e reto, temente a Deus e obediente à Sua vontade”<sup>20</sup>. Escolhe não realizar a justiça dos fariseus e escribas, não denunciando a uma possível traição de Maria, que seria apedrejada (Lv 19,20-22; Dt 22,22-29). Ao preservar a vida, realiza uma ação própria de quem vive inspirado pelo reino dos Céus.

As primeiras palavras de Jesus no evangelho de Mateus, no momento do seu batismo no rio Jordão, são: “deixa como está, pois convém que cumpramos ‘toda

18. ANDERSON, Ana Flora et al. *A história da palavra II*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 62.

19. ZEILIGER, Franz. *Entre o céu e a terra*, comentário ao sermão da montanha (Mt 5–7). São Paulo: Paulinas, 2008, p. 15.

20. ZEILIGER, Franz. *Entre o céu e a terra*, comentário ao sermão da montanha (Mt 5–7), p. 340.

a justiça” (Mt 3,15). O final da expressão “toda a justiça” (*pāsan dikaiosynēn*) aponta um caminho: “toda justiça não é a justiça especial do Filho de Deus, que há de cumprir Jesus somente, e sim todos os que são justos”<sup>21</sup>. Aqui se apresenta um projeto de vida abraçado por Jesus; portanto, um projeto que deve ser abraçado pelos seus discípulos. É interessante o sentido cristão desta cena do Evangelho, pois o vínculo do discípulo com o Reino e a prática da justiça se dão primeiramente através do batismo, depois, através da escuta atenta da Palavra de Deus, que motiva uma ação orientada pelo Reino.

Mateus é visto como o evangelho da justiça em 3,15; 5,6; 10,20; 6,1.33; 21,32. Essa palavra também é o tema usado para qualificar a missão de Jesus e a de seus discípulos, que é buscar o Reino e a sua justiça (6,33). Jesus apresenta a nova justiça, uma justiça diferente daquela dos fariseus e escribas. Ela consiste em não aplicar mecanicamente uma lei, mas em viver a vontade de Deus, que é Pai, viver em conformidade com o Reino.

A busca fundamental do discípulo deve ser o ‘reino dos Céus e sua justiça’ (6,33). O Reino que está no aqui e agora da vida, no entanto, não se esgota no hoje, mas se desdobra para a eternidade. Por isso, deve ser a preocupação primeira de todo discípulo. A atenção voltada para o Reino conduz a vida do discípulo no caminho da justiça.

Essa “justiça’ não se torna propriedade, mas deve ser buscada sempre de novo”<sup>22</sup>. É vista como meta de vida em Deus, não se identifica com legalismo farisaico. A justiça ‘superior’ que Jesus propõe apresenta o caminho para a vivência do Reino, algo sempre novo e atual na vida dos injustiçados.

### **A comunidade quilombola no contexto latino-americano**

Desde o seu descobrimento (ou invasão) o continente latino-americano é marcado por uma história de opressão e exploração. Quase todos os conquistadores europeus que chegaram nestas terras trouxeram consigo: guerras, doenças e escravidão. Através da violência, muitas comunidades ameríndias (índios) foram dizimadas. Aqueles que não foram mortos pela guerra, morreram através de doenças trazidas pelos europeus ou africanos. Estes últimos vieram como escravos (mercadorias).

Durante toda a sua existência, o continente latino-americano reproduziu as relações que marcaram sua invasão. Isso através da marginalização de algumas culturas e povos. Não só no passado, mas também no presente. Depois de mais de 500 anos de história, existem grupos excluídos, que não têm vez nem voz.

21. LUZ, Uhich. *El evangelio segun san Mateo*, 1-7 Volume I. Salamanca: Sigueme, 1993, p. 216.

22. ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra*, p. 234.

Diante dessa realidade desoladora, as comunidades marginalizadas podem encontrar um estímulo transformador nas páginas da Sagrada Escritura. Jesus de Nazaré apresenta Deus como Pai, incentiva e valoriza a todos que buscam uma vida plena. Em suas palavras essas comunidades podem encontrar forças para sua vida.

As comunidades quilombolas têm em sua origem características semelhantes às da comunidade de Mateus, pois ambas são estrangeiras e marginalizadas. Desde a captura até a chegada no continente americano a vida dos escravos se resume em sofrimento e morte: “durante a viagem, milhares de negros morreram devido às péssimas condições de higiene e à alimentação”<sup>23</sup>. Os que sobreviviam, não tinham um destino melhor, pois eram escravizados nas grandes plantações.

“As diferentes nações latino-americanas, durante vários séculos, dependeram da escravidão negra para existir economicamente”<sup>24</sup>. Desse jeito, a exploração da mão de obra escrava levou ao sofrimento de muitos seres humanos, que foram oprimidos em sua dignidade de pessoa humana.

Diante dessa realidade de sofrimento e opressão, muitos homens e mulheres escravizados tentaram organizar uma resistência, seja ela de maneira passiva: ‘fazer corpo mole’ no trabalho, a quebra de ferramentas... E de maneira ativa: levantes e revoltas<sup>25</sup>, incêndio nas plantações, agressão aos senhores e feitores<sup>26</sup>.

Outro meio foi a fuga, quem sabe a “mais significativa e estruturada forma de resistência estava nas fugas e formação de grupos fugidos”<sup>27</sup>; essas fugas aconteceram em todo território das Américas<sup>28</sup>. A partir dessas fugas, os homens e mulheres se organizavam em torno de comunidade de livre manifestação de vida, os quilombos<sup>29</sup> seriam um lugar marginalizado, onde a vida e a solidariedade norteavam a existência das pessoas.

A fuga era um modo ilícito de viver a liberdade. Porém, com o tempo foram surgindo modos legais de conseguir a liberdade, mesmo que parcial. Como

23. CNBB. *A Igreja e as Comunidades Quilombolas*. Brasília: Edições CNBB, p. 14.

24. CNBB. *A Igreja e as Comunidades Quilombolas*, p. 14.

25. Por exemplo: Malês (BA) em 1835; Balaiada (MA) em 1838-1841; Queimado (ES) em 1849.

26. CNBB. *A Igreja e as Comunidades Quilombolas*. Brasília: Edições CNBB, 2013, 15.

27. Essas organizações sociais receberam nomes diferentes: na América espanhola de Palenques e Cumbes; na inglesa de Marrons; na francesa de grand Marronage e petit Marronage; no Brasil de Quilombos e Mocambos e seus membros: Quilombolas, Calhambolas ou Mocambeiros (REIS; GOMES, 1996, p. 47).

28. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 47.

29. O termo quilombo “deriva de *kilombo*, sociedade iniciativa de Jovens guerreiros *mbund*, adotada pelos invasores *jaga* (ou *imbangala*), formados por agentes de vários grupos étnicos desenraizada de suas comunidades” (MOURA, 2012, p. 45).

fruto desse processo apresenta-se a “Lei do Sexagenário de 28/08/1885: libertou os que atingiam esta idade; os escravos eram, porém, obrigados a trabalhar por mais três anos para indenizar seu senhor, ou até que atingissem 65 anos”<sup>30</sup>. Num período em que a expectativa de vida não passava de 50 anos para os escravos, os que atingiam a idade da lei já estavam doentes e não tinham como sustentar a própria existência<sup>31</sup>. Além da lei do Sexagenário existiram outras: Tratado de Portugal e Inglaterra; Lei de 07/11/1831, que proibiu o tráfico negreiro; Lei Eusébio de Queiroz de 04/09/1850; Lei do Ventre Livre 28/09/1871; Lei Áurea de 13/05/1888. Essa última foi muito festejada pelos abolicionistas, porém não incentivou qualquer medida compensatória em benefício dos escravos, além de não livrá-los de um rótulo de serem considerados inferiores. E mais, “pode-se afirmar que o processo de libertação dos escravos permanece inacabado até os dias de hoje, quando muitos trabalhadores, sobretudo negros, vivem em condições subumanas”<sup>32</sup>. Assim, toda vez que estes marginalizados se organizam, os que se encontram no centro olham com desconfiança e, através da burocracia, punem esses seres humanos.

Os quilombos foram modos de organização social dos negros escravos que fugiram da escravidão e dos açoites das fazendas. Com a libertação dos negros, essa comunidade evoluiu e se tornou “uma maneira alternativa legítima de organização social, na qual as pessoas e as relações humanas são postas em primeiro lugar em detrimento dos bens materiais”<sup>33</sup>. Na organização dos quilombos, tudo é posto em comum e vive-se uma autêntica agricultura familiar, em que se valoriza a vida e acontece uma integração ecológica, pois eles tentam não explorar a natureza, e sim conservá-la.

Em oposição a esse modo de vida, o modelo de acúmulo de lucros e terras na mão de poucos quer expulsar as comunidade quilombolas históricas de suas terras. Dessa forma, “cresceu o número de ações judiciais com rápidas decisões de reintegração de posse, de execução de despejo de comunidades que vivem centenariamente nos seus territórios”<sup>34</sup>. A justiça parece que corre em favor dos poderosos, pois para a comunidade quilombola existe burocracia, já para os grandes latifundiários não existe, pois tudo acontece de maneira rápida e ‘eficiente’. Até porque, a “Terra para o agronegócio é considerada fator de

30. CNBB. *A Igreja e as Comunidades Quilombolas*. Brasília: Edições CNBB, 2013, 17.

31. Também hoje os que se aposentam com 60 ou 65 anos mal conseguem custear os remédios e a ter uma vida com dignidade.

32. CNBB. *A Igreja e as Comunidades Quilombolas*. Brasília: Edições CNBB, 2013, 19.

33. CNBB. *A Igreja e as Comunidades Quilombolas*. Brasília: Edições CNBB, 2013, 22.

34. CNBB. *A Igreja e as Comunidades Quilombolas*, p. 26.

crescimento e de progresso<sup>35</sup>. Terra para quilombolas e índios significa atraso e desperdício<sup>36</sup>. A oposição entre poder e dinheiro, assim como aconteceu à comunidade mateana.

### **Conclusão: A justiça de Mateus e a injustiça vivida pelos quilombolas**

Na Sagrada Escritura, quando um povo era oprimido e marginalizado clamava pela proteção ou intervenção divina. Esperava-se que a proteção divina chegasse com a irrupção do reinado de Deus na história, corrigindo tudo que é injusto e desumano. Na comunidade de Mateus estava ausente a justiça, como hoje ela está ausente em relação aos direitos dos quilombolas.

Como Jesus propôs uma justiça maior do que a justiça dos fariseus e escribas. Hoje, a palavra de Deus exige que se faça o mesmo em relação aos direitos dos quilombolas, que são sempre relegados em segundo plano, em detrimento da justiça dos grandes latifundiários. O testemunho ensinado por Jesus exige uma práxis do amor autêntico.

Não sendo uma prática externa puramente interesseira, mas a resposta do ser humano, que em proximidade do Reino fez desabrochar novas fontes e capacidades reais de amar. Queremos um Estado preocupado com o bem-estar e a dignidade do semelhante. Queremos uma sociedade que busque uma verdadeira justiça, que tenha seu fim e sua origem em Deus. Queremos uma sociedade guiada pelo amor, comprometida com os preferidos do Pai, com os marginalizados que não têm vez e nem voz em nossa sociedade. Por isso, à luz do evangelho, queremos lutar pela justiça em favor das comunidades quilombolas.

### **Bibliografia básica**

ANDERSON, Ana Flora et al. *A história da palavra II*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 2. ed. 2002.

CNBB. *A Igreja e as Comunidades Quilombolas*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

ECHEGARAY, J. González, et al. *A Bíblia e seu contexto*. São Paulo: Ave Maria, 2. ed. 2000.

FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: Leitura conflitual do Novo Testamento*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, Ed. América, 2009.

35. “O Ex-presidente da República Luís Inácio Lula da Silva chegou a classificar as questões quilombolas como ‘entraves’ ao desenvolvimento do país (Estado de S. Paulo 22.11.2006)” (CNBB, 2013, p. 29).

36. CNBB. *A Igreja e as Comunidades Quilombolas*, p. 29.

- FRAINE, J. de. “Fariseus”. In: *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento, 2*. História e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.
- LARA, Valter Luiz. *A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica*. São Paulo: Paulus, 2009.
- LUZ, Ulrich. *El evangelio segun san Mateo, 1-7*. Volume I. Salamanca: Síguem, 1993.
- OVERMAN, Andrew. *O evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo, o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Loyola, 1997.
- PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RICHTER REIMER, Ivoni; REIMER, Haroldo. *Cuidado com as pessoas empobrecidas na tradição bíblica*. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, v. 25, n. 40, p.181-197, jan/jun 2011.
- SALDARINI, Anthony. *Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- SCHMID, Josef. *El evangelio según San Mateo*. Barcelona: Herder, 1973.
- STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo, os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Paulus/São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico, um manual*. São Paulo: Loyola, 2ª ed. 2004.
- ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra, comentário ao sermão da montanha (Mt 5–7)*. São Paulo: Paulinas, 2008.

Ailton de Souza Gonçalves  
Praça Alvorada, 07, Vila Mariana  
38600-000 Paracatu, MG  
ailton.sg@hotmail.com

Neusa Valadares Siqueira  
Rua José Teixeira de Deus,  
Qd. 13, Lt. 18 Setor Cristina 2  
07538-000 Goiânia, GO  
neusavaladares@hotmail.com